



ΟΙΚΟΥΜΕΝΙΚΟΝ ΠΑΤΡΙΑΡΧΕΙΟΝ

Ἱερὰ Μητρόπολις Μπουένος Ἀϊρες καὶ Νοτίου Ἀμερικῆς

Lerma 260. C1414AZF CABA. Tel. +54 11 45085402-4. [www.ortodoxia.com.ar](http://www.ortodoxia.com.ar)

Prot. Nº 15-2022

## EXORTAÇÃO PASTORAL POR OCASIÃO DA SEMANA SANTA E PÁSCOA

«Conheço tua conduta: não és frio nem quente.  
Oxalá fosses frio ou quente!» (Ap 3:15)

† IOSIF

pela misericórdia de Deus e indulgência  
Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires  
Primaz e Exarca da América do Sul

para todo o pleroma da jurisdição do Patriarcado Ecumênico no Cone Sul:  
Paz e conversão ao Senhor Jesus

Seguramente a encíclica deste ano deve ser diferente - em forma e conteúdo - daquelas dos dois anos anteriores. Na verdade, eu não a chamei de encíclica, mas de exortação. As circunstâncias atuais, que pressagiam acontecimentos ainda por vir, me compelem a me expressar de uma maneira particular – talvez incomum – dando a conhecer conceitos e intuições conhecidas que, para alguns, podem parecer pelo menos extemporâneos ou intransigentes. Não é demais dizer que esta encíclica não é uma mera formalidade. Para mim é uma necessidade espiritual e pastoral escrevê-la, e espero que seja lida e refletida por todos aqueles que têm acesso a ela com plenitude de coração e abertura de mente, livres de preconceitos e fora dos laços de uma religiosidade distorcida que, em vez de libertar, acorrenta e condena.

Assumi o mandato e o serviço de liderar esta arquidiocese na véspera de um evento inesperado para a humanidade que foi a pandemia. Literalmente, *a função foi inaugurada em cativo*. Foram duas “Páscoas” que celebramos em isolamento e na solidão. Lembro-me, no início, das providências sobre muitos aspectos da nossa operação nos templos, de como devíamos proceder para salvaguardar a saúde e o bem-estar de todos. Lembro-me também que até se discutiu - porque se duvidou - sobre como comunicar aos fiéis a santa comunhão do corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, o que se referia - ou melhor, atentava - (in)diretamente à essência do mistério. Em muitos lugares tentou-se uma solução mudando a maneira tradicional e, com isso, trazendo confusão sobre “o que” se transmitia. Não se faz necessário revelar aqui e agora - não é tempo, nem o instrumento adequado - o que alguns

hierarcas realizamos para que esse “ataque” aos fundamentos da Igreja Ortodoxa fosse minimizado e, nem a alternativa nem a discussão se instalasse, o que, percebemos, foi a “desculpa” secreta para atacar a Igreja de Cristo. Bem sabemos que sem “comunhão”, sem o mistério do *Deus-feito-oblação* aqui e agora, a Igreja como tal desaparece. Sem o “mistério dos mistérios” restariam apenas vestígios da Igreja – comunhão dos fiéis que confessam o mesmo Cristo-Deus – ficariam reduzidos a uma ONG ou a uma forma de religião pronta para desaparecer ou fazer parte de um conglomerado amorfo de percepções mais ou menos filosóficas com tendências altruístas e caráter exclusivamente antropocêntrico. *Havia um propósito a partir de certos círculos de poder?* Nós não permitimos isso. Nós nos opusemos de maneira contundente a isso. Nosso Patriarcado se manifestou, e assim a “hesitação” – até agora, por enquanto - foi neutralizada. E isso não aconteceu porque fôssemos contrários a um debate saudável e ao diálogo sob princípios claros, legítimos e lógicos – o que parecia estar acontecendo na época –, mas porque conhecíamos bem o fundo ideológico que propunha a suposta “discussão” e as conhecidas “dúvidas” a respeito.

Nós suportamos a reclusão e o fechamento de templos por um longo tempo. No momento adequado nos pronunciamos e reclamamos. Tomamos todas as medidas sanitárias e seguimos à risca todas as restrições ditadas pelas diferentes autoridades sanitárias. E ainda o fazemos. Ninguém nos pode “atribuir” violações. Padecemos a enfermidade. Nós nos isolamos inúmeras vezes. Fomos controlados e, em muitos casos, advertidos em todo o mundo. Suspendemos provisoriamente e preventivamente a “comunhão” do corpo e sangue de Cristo aos fiéis, mas *nunca* deixamos de realizar o sacrifício incruento que permanece inalterado. Nos primeiros momentos, eu me lembro, pensei que estivéssemos voltando aos tempos dos primeiros cristãos, que faziam seus “ágapes” confinados por segurança. Ainda hoje o flagelo está em vigor e continuamos nossa missão tentando lidar com a ameaça de “surto” e as consequências – certamente múltiplas e complexas – desta “prova” na “incerteza” de não saber as origens ou as implicações da pandemia a médio ou longo prazo.

Entretanto, enquanto ainda estávamos em reclusão e lutando para sair, gestava-se outro “impensável” evento, cuja magnitude e consequências para toda a humanidade permanecem ainda hoje desconhecidas. Refiro-me à guerra na Ucrânia. Mas, eu me pergunto *se este evento foi realmente imprevisível?* Pessoalmente, creio que foi mais do que previsível. E, certamente, *evitável*. No entanto, a invasão russa à Ucrânia surpreendeu quase todo o mundo, por certo, desprevenido, uma vez que lutava ainda para se libertar dos efeitos – sanitário, econômico, social, psicológico – da pandemia.

A verdade é que o conflito, embora distante para nós, pelo menos por enquanto, em alternância com a pandemia ainda latente, coloca uma humanidade globalizada em uma espécie de cheque, pois é evidente que seu pano de fundo – como o da pandemia – é incerto. A presente reflexão daria a impressão aos leitores perspicazes de que o autor estaria tentando indiretamente inferir algum tipo de teoria da conspiração. Nada poderia estar mais distante, dado o que acima foi dito. É apenas observação e, sobretudo, uma intenção manifesta de *reserva* e *precaução* sobre o que está acontecendo - perigosamente acontecendo.

Não é novidade que os tempos em que vivemos são complexos e determinados por uma enorme *incerteza*. Em todos os níveis. Isso é inevitável. A humanidade está às vésperas de uma grande mudança de paradigma, que sempre foi, historicamente, um processo confuso e doloroso. *A des-analogia entre o desenvolvimento tecnológico e a decadência do homem como tal resulta em um presente tumultuado e um futuro não mais promissor.* A equação é simples. Muitas questões surgem diante do espectador de uma realidade à qual ele não quer aderir ou, pelo menos, isso lhe custa. No entanto, os criadores dessa realidade em nível global, aproveitam desta atitude de autoproteção dos cidadãos comuns para poder continuar a controlá-la por capricho, ou com um objetivo claro. Mas, eu me pergunto: por quanto tempo isso pode ser controlado? E, embora cada um crie sua própria realidade isolando-se daquela global, a verdade é que, em vez de contribuir para o processo inverso de desconstrução – e, portanto, da evolução – está a se endossá-la. Não se envolver não é a solução. Embora, é claro, seja o mais confortável.

Como alguém da suposta distância – da própria bolha –intervir para deter – ou pelo menos apaziguar – esse processo de corrupção vertiginosa? É preciso sair da “mesmidade” – de “propriedade” – assegurada pela “bolha existencial” que criamos para nos protegemos. O instinto de autopreservação – embora natural – é usado pelo próprio “ego”, ou seja, pelo “homem caído”, o homem que se transforma em “religioso” - seja teísta ou agnóstico -, aquele que considera a realidade toda apenas em referência a si mesmo. Trata-se da *autoreferencialidade* que protege e, ao mesmo tempo, agride - direta ou indiretamente - para garantir a existência. *Como podemos alterar o curso dos acontecimentos se, na realidade, com nossa postura estamos sorrateiramente contribuindo para que aconteça o que acontece?* Ou mudamos de paradigma desde seu interior ou seremos varridos pela mudança externa de paradigma. A pergunta que resta é: *estamos à tempo?*

Não sei. (Talvez) o que acontece seja necessário. (Talvez) o que virá seja irreversível. Mas, a mudança de paradigma desde dentro é uma opção imperativa que sempre vale a pena e tem o poder de anular ou reverter a iminência de um processo autocatastrófico. Não é em vão. Acima de tudo, se for uma mudança coletiva: lembremo-nos da “revolução” cristã dos primórdios. Houve perseguição por séculos, mas o resultado se deu no tempo oportuno, um novo império, com uma nova marca; sim, cristã.

A mensagem da presente exortação não é outra senão a da “voz” que clamou no deserto: *“Arrependamo-nos porque o Reino dos Céus está próximo”* (Mt 3:2). A mudança de paradigma a que me refiro é a que os Padres chamam de “**metanoia**”: a mudança de coração. Uma mudança radical; genuína; completa; criativa; libertadora; transcendente; vivificante: *eminentemente pascal*. Vai além de uma mudança de costumes ético-morais: é uma revolução da interioridade do homem que deixa de se identificar e se reconhecer em sua “*mesmidade- propriedade*” e, em vez disso, o faz no *totalmente “Outro”* que, por sua vez, é revelado na existência de cada ser que nos cerca.

Enquanto o “ego” predominar e dominar, então a “guerra” persiste, para dentro e para fora. A chave é “*render-se*” – “*capitular*” – a partir de um acérrimo combate contra si mesmo – e contra o “Outro” e os outros – e assumir-se “*em relação*”,

ou seja, em uma nova consciência amplíssima e inclusiva que permita re-conhecer-se na “outridade” (alteridade) de quem já não é mais um inimigo, mas um aliado. E, nosso único aliado é aquele que nos criou, nos sustenta, e nos oferece perfeição, plenitude e felicidade a todo custo e irreversivelmente. Nós escolhemos. Nós somos responsáveis. *Queremos continuar esta guerra? Queremos continuar com essa enorme (auto-) destruição massiva?*

É claro que a barbárie humana não tem limites. Nós, homens, torturamos e matamos o próprio Deus: o que podemos esperar? Então, na cruz; agora, toda vez que nos fechamos em nossa “bolha existencial” vendo e combatendo contra inimigos fantasiosos. *Até quando manteremos Deus imóvel na cruz? Até quando permaneceremos indiferentes diante daqueles que governam o mundo e permitindo que inúmeros “Cristos” sejam expatriados, torturados, mortos e desaparecidos?* É que naturalizamos organicamente nossa própria barbárie justificando-a com os argumentos mais vis. É que nos escondemos em nossa própria “ingenuidade” para nos auto-indulgir por nossa cumplicidade astuta. É que gostamos de contemplar sem tomar partido, para que não sejamos prejudicados, nós ou nosso nome, ou nossa propriedade, ou nosso presente ou nosso futuro ou os de nossos filhos. É que, afinal, parece que adoramos nos enganar. E deixem que nos contém o melhor das “histórias”.

E, paradoxalmente, este tempo complexo, incerto e tumultuado, esta “mudança de paradigma”, é o “**tempo oportuno**” -καιρός ευπρόσδεκτος. Sim, é nossa chance, aqui e agora, simplesmente porque talvez já não haja muito mais tempo: “*Pois, como naqueles dias que precederam o dilúvio, estavam eles comendo, bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não perceberam nada até que veio o dilúvio e os levou a todos.*” (Mt 24: 38-39).

*«O que dá testemunho destas coisas, diz: Certamente venho em breve. Amém;  
sim, vem, Senhor Jesus!»*

*A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém.»  
(Ap 22: 21-22)*

**ΧΡΙΣΤΟΣ ΑΝΕΣΤΗ. ΑΛΗΘΩΣ ΑΝΕΣΤΗ**

**CRISTO RESSUSCITOU!  
VERDADEIRAMENTE, RESSUSCITOU!**